

TEATRO EM TEMPOS PANDÊMICOS: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA UMA PRODUÇÃO E GESTÃO CULTURAL DAS ARTES CÊNICAS

Aryelle Christiane Souza da Silva¹

Gilberto Lima de Paiva Junior²

Orientação: Ma. Monique Bezerra da Silva³

Resumo: O presente trabalho é o início de uma pesquisa a se desdobrar sobre a influência da pandemia e do isolamento social especialmente no campo do teatro. Nesta primeira parte os autores se propõem a pensar e analisar os meios encontrados por gestores e produtores da área das artes cênicas para realizarem suas respectivas atividades no período da pandemia do Covid-19. Tomamos por base, primeiramente, o conceito de gestão e produção cultural dissertando sobre a importância desses profissionais nas produções teatrais e, em seguida, observamos as manobras necessárias para a manutenção de seus trabalhos no ano de 2020 que, em decorrência da pandemia do novo coronavírus, sofreu uma pausa nas atividades artísticas e culturais presenciais com a necessidade de reformulação dos fazeres artísticos e dos formatos de execução das produções. Consideramos o empenho das empresas de iniciativas privadas, como os departamentos regionais do Sesc do Rio de Janeiro e também de incentivos públicos à produção de artes cênicas por parte da esfera pública, destacando a Lei Aldir Blanc, lei regulamentada no ano de 2020 que destinou 3 bilhões de reais para o setor cultural com o objetivo de socorrer os agentes da cultura que sofreram com os impactos causados pela pandemia do novo coronavírus.

Palavras-Chave: Gestão Cultural; Artes Cênicas; Teatro; Pandemia; Covid-19.

INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi marcado por mudanças significativas em todos os campos, no setor cultural a pandemia do covid-19 nos colocou diante de desafios e de uma necessidade de repensar e reinventar o fazer artístico. O campo teatral foi fortemente afetado e novos dilemas surgiram para os produtores e gestores culturais da área: como pensar e fazer teatro em tempos pandêmicos? A figura do produtor e gestor cultural se torna imprescindível nesse contexto pela urgência de um olhar estratégico e de um planejamento que tornasse possível o fazer teatro diante da impossibilidade do encontro. Rômulo Avelar, em seu livro o “Averso da Cena” (2010) traz uma visão do perfil desses profissionais que precisam estar atentos às mais diversas

¹ Estudante de Produção Cultural pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. E-mail: aryllechristiane@gmail.com

² Estudante de Produção Cultural pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. E-mail: gilbertolimaproducao@gmail.com

³ Mestra em Engenharia da Produção e professora do Curso de Produção Cultural no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. E-mail: monique.silva@ifrj.edu.br

situações dentro do campo cultural, administrando-as e dominando diversas linguagens. Se no dia a dia das produções o olhar atento do gestor é imprescindível para o seu bom andamento, diante do novo cenário de incertezas, as responsabilidades desses profissionais aumentam. O presente artigo tem por objetivo dissertar sobre os novos formatos que se apresentam para o trabalho em teatro no Brasil e o surgimento de um teatro possível, analisando como produtores e gestores culturais driblaram o grande cenário de incertezas imposto pela pandemia do Covid-19 para a profissão artística, fazendo surgir novas possibilidades para o setor.

A FIGURA DO GESTOR E PRODUTOR CULTURAL

A gestão é um setor de grande importância em qualquer organização, são os profissionais responsáveis por administrar, planejar, dirigir, coordenar e avaliar as operações. Na cultura, além das atividades administrativas, os profissionais de gestão e produção também lidam diretamente com os aspectos artísticos, dialogando com diversas linguagens. Definindo as funções, o Produtor Cultural seria o “profissional que cria e administra diretamente eventos e projetos culturais, intermediando as relações dos artistas e demais profissionais da área com o Poder Público, as empresas patrocinadoras, os espaços culturais e o público consumidor de cultura” (Avelar, 2010, p. 52), enquanto o Gestor Cultural seria o

profissional que administra grupos e instituições culturais, intermediando as relações dos artistas e dos demais profissionais da área com o Poder Público, as empresas patrocinadoras, os espaços culturais e o público consumidor de cultura; ou que desenvolve e administra atividades voltadas para a cultura em empresas privadas, órgãos públicos, organizações não-governamentais e espaços culturais (AVELAR, 2010, p. 52).

São profissionais com perfil mais administrativo, mas que ao mesmo tempo precisam estar atentos no domínio de diferentes linguagens, pois aparecem como as figuras centrais nas produções culturais, lidando com artistas, patrocinadores e público consumidor. Na tentativa de diferenciação entre eles, o produtor seria um profissional com perfil mais executivo e o gestor com o perfil mais estratégico, porém na prática, diante das atividades executadas na rotina de trabalho existe uma grande dificuldade na distinção entre eles, na maioria das vezes o mesmo profissional desempenha os dois papéis (CUNHA, 2007; FERREIRA, 2015).

Maria Helena Cunha, Especialista em Planejamento e Gestão Cultural fala sobre essa dificuldade de diferenciação entre os dois perfis profissionais:

A indefinição da diferença entre produtor ou gestor cultural não é só uma questão de nomenclatura, mas tem se tornado um tema relevante, pois passou a ser uma discussão de posicionamento no próprio mercado de trabalho. Essa diferenciação é uma ação ou o reflexo da realidade vivida por esses profissionais que, diante da complexificação das relações de trabalho, deparam com esse questionamento, no qual o produtor tem sido colocado como um profissional mais executivo e o gestor no âmbito das ações mais estratégicas. No entanto, apesar de serem identificadas como duas profissões diferentes, elas se confundem enquanto ocupação de espaços de atuação no mercado cultural e, principalmente, em relação aos saberes desenvolvidos em cada profissão, coexistindo, ao mesmo tempo, no mercado de trabalho. (CUNHA, 2007, p.7)

No teatro, o produtor/gestor ocupa um lugar interdisciplinar atuando tanto nas funções administrativas com a criação e formatação de projetos, orçamentos e prestações de conta, busca e enquadramento em leis de incentivo e patrocinadores, quanto em rotinas de outras funções como comunicação, relação direta com os artistas, sendo atuantes na concepção dos espetáculos, pensando os processos junto a outros profissionais das artes cênicas (RODRIGUES, 2014). A pesquisadora Alana Araújo (2018), define o termo produtor-criador como aquele que faz a gestão e produção, além de participar de outras funções no processo criativo, executando esse lugar de interdisciplinaridade dentro da produção teatral. Pensando nos atuais caminhos da produção teatral no Brasil, hoje esse é um perfil muito comum principalmente quando se trata de teatro de grupo.

A expressão produtor-criador parece ser pertinente na tentativa de estabelecer embasamento para a reflexão desta pesquisa. Pensando na perspectiva de que o integrante atua em todos os procedimentos para a concretização do espetáculo a ser montado, compreendo que a experiência adquirida ao longo do processo faz com que o produtor, torne-se também criador da obra junto com os demais membros, desmitificando a ideia de que a produção é apenas o trabalho “pesado.” (ARAÚJO, 2018, p. 6-7)

De maneira geral, o mercado cultural exige produtores e gestores bem preparados para atuar nas questões administrativas e gerenciar as múltiplas funções inerentes à profissão, a instabilidade do mercado é uma característica e grande desafio para os produtores e gestores que precisam estar atentos para saber o que fazer nas situações que se colocam.

O TEATRO E A PANDEMIA DO COVID-19: NOVOS DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Antes mesmo da pandemia do novo coronavírus, o teatro brasileiro, assim como a cultura em geral, já vinha passando por dificuldades. A falta de apoio governamental, a desvalorização do trabalho artístico, o afastamento cada vez maior da população e o consequente esvaziamento dos teatros são alguns dos sintomas da dificuldade que o setor já vinha enfrentando. Em 2020,

um novo desafio se apresenta, com a crise causada pela pandemia da Covid-19 e o isolamento social a cultura foi um dos primeiros setores afetados, os teatros e instituições culturais tiveram que fechar as portas, eventos culturais, temporadas marcadas precisaram ser adiados, os trabalhadores do setor estavam sem perspectivas. A partir disso, artistas, gestores e produtores precisaram se reinventar, procurar novas formas de atuação frente às impossibilidades.

Fernando Peixoto, escritor, tradutor, ator e diretor de teatro em seu livro “O que é teatro?” (1980) capta a essência do fazer teatral na primeira frase do primeiro capítulo ao colocar como “Um espaço, um homem que ocupa este espaço, outro homem que o observa.” (1980, p. 8). Apesar da imensa gama de manifestações de tal arte, nenhuma delas foge do essencial tripé: ator x espaço x plateia, independente de texto, cenografia, adereços, figurino, iluminação ou qualquer outro elemento que o enriqueça.

Como fazer, então, teatro com espaços fechados, em uma situação em que a rua é uma ameaça e o contato com outra pessoa pode ser extremamente prejudicial e, até mesmo, letal? Ora, se o teatro é essencialmente um ator apresentando alguma coisa para alguém em um espaço, temos duas alternativas: deixar que o teatro perca a força por um momento e fique apenas no imaginário ou reinventar espaços, redescobrir a relação com a plateia, buscar lugares e propostas ainda não experimentadas que se adaptem ao novo normal.

A matéria de Clara Balbi para a Folha de São Paulo⁴ faz uma espécie de retrospectiva das ações de gestores de instituições e companhias que se empenharam, cada uma de sua maneira, para manter viva a chama do teatro. Não se sabe a data certa da chegada do coronavírus no Brasil, mas em Março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declara pandemia pelo novo coronavírus, e, no Brasil, os eventos são cancelados, as aulas são suspensas, começamos uma guerra contra um inimigo invisível.

Dois importantes festivais de teatro sofrem as consequências em Março mesmo: a Mostra Internacional de Teatro de São Paulo (MITsp), que já estava acontecendo e precisou cancelar parte de sua programação e o Festival de Curitiba, que adiou de Março para Setembro e aconteceu online com menos de 5% da quantidade de espetáculos previstos, como mostra a matéria de Balbi.

⁴ BALBI, Clara. Teatro se reinventou em 2020, mas formato virtual ainda não paga as contas. Folha de São Paulo. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/12/teatro-se-reinventou-em-2020-mas-formato-virtual-ainda-nao-paga-as-contas.shtml>> Acesso em 1 de fevereiro de 2021.

Ainda segundo a jornalista, demorou quase um mês para que o teatro começasse a se encontrar no formato de vídeos ao vivo, as lives, na internet. E um pouco depois, o Sesc São Paulo dá início a uma intensa e bem organizada programação online.

Rosa Villas Boas (2005), hoje gerente do Teatro SESI Rio Vermelho em Salvador - BA, lista características fundamentais ao gestor cultural, entre elas o comprometimento, a persistência e a necessidade da “busca de oportunidades e iniciativa - estar ‘antenado’ com o que acontece à sua volta” (p. 107). Observemos o exemplo a seguir de uma gestão comprometida com o seu público e seu trabalho e com o ímpeto de continuar atuando, apesar das dificuldades. O Sesc São Paulo lançou o programa #EmCasaComSesc na tentativa de dar prosseguimento com as suas atividades não apenas no âmbito da Cultura, mas também com conteúdos para as suas outras áreas de atuação, como por exemplo, Alimentação que promoveu uma websérie sobre alimentação saudável, disponível no YouTube.

Focaremos neste trabalho nas propostas para as artes, mais especificamente o teatro, cuja playlist no YouTube hoje tem mais de 70 vídeos de teatro e começou com vídeos de artistas interpretando textos que já faziam nos palcos, adaptados para as telas do *streaming*. Com o tempo, novos textos e novos experimentos foram integrando a *playlist*. Na retrospectiva da página oficial do Sesc SP, boa parte dos trabalhos estão inseridos em uma quatro *playlists* que acabam por ser linhas de pesquisa, são eles: Artistas Veteranos, composta por vídeos realizados por grandes atrizes e atores com carreiras extensas nos palcos e nas telas como Eva Wilma e Antônio Pitanga, que aceitaram adaptar e recriar seus trabalhos para este novo formato; Medeias, releituras da tragédia grega Medeia abordando outros temas que perpassam a obra e tangenciam a nossa realidade; Criações da Casa, obras e adaptações de trabalhos de artistas filmadas em casa; e Ausências, composto das obras que tratam de um dos assuntos mais comentados na quarentena: o isolamento e a solidão.

O Sesc do Rio de Janeiro, seguiu caminho parecido, mas em menor escala, com o programa Arte em Cena, com *playlist* de vídeos de espetáculos, contações de histórias e shows no YouTube. Na matéria de 04/12/2020, na página oficial do Sesc Rio, o projeto já havia passado das 20.000 visualizações em mais de 60 atrações, entre música, artes cênicas, audiovisual e trabalhos voltados para crianças.

A fala de Márcia Rodrigues, gerente de cultura do Sesc Rio, em entrevista a analista de mídias sociais do Sesc, Taiane Cordeiro é importante para entendermos como funciona a gestão cultural em tempos de crise.

Precisamos nos recompor, entender o que estava acontecendo e redirecionar nosso trabalho, sem perder de vista aonde queríamos chegar. Então, optamos pela programação virtual, sistemática e inicialmente com os trabalhos artísticos já contratados, escolhendo os projetos viáveis de adaptação para as plataformas digitais. Então, nasceu o Arte em Cena, que foi implementado nas reuniões de curadoria, com as equipes de todas as Unidades para planejar a programação, tendo como prioridade a diversidade de conteúdos. (CORDEIRO, 2020)⁵

Villas Boas (2005) cita a importância para o gestor e produtor cultural de saber onde se quer ir e saber usar os recursos que se tem em mãos. Mas, antes de tudo, a autora fala da importância do planejamento: “planejar significa pensar antes de agir, pensar sistematicamente, obedecendo a uma metodologia, construir o caminho de onde estamos e para onde queremos chegar.” (2005, p. 104). É evidente que os planejamentos até o ano de 2020 não previam uma paralisação de meses em atividades presenciais devido a uma pandemia. Mas com os objetivos definidos e um estudo de caminhos viáveis, é possível atingir o ponto que se traçou, mesmo diante das adversidades.

Na matéria no site do Sesc, Márcia Rodrigues diz ainda que a instituição pretende manter o projeto Arte em Cena, mesmo quando as atividades presenciais voltarem. Nesse sentido, é possível perceber que em momentos de crise, surgem novas possibilidades e descobertas. Mas a verdade é que nem tudo é tão romântico e se, para o Sesc, a suspensão das atividades presenciais significou a descoberta de uma nova forma de chegar e de interagir com seu público, vários outros espaços, a maioria com menos recursos financeiros (mas nem todos), apenas suspenderam suas atividades enquanto a pandemia perdurar.

Segundo o Jornal El País⁶, o setor de cultura emprega cerca de 5 milhões de pessoas, quase 6% da mão de obra brasileira. Sabemos que o mercado cultural vai muito além de só o que estamos falando, mas é inegável pensar que muitos destes trabalhadores tiveram sua renda reduzida ou até mesmo extinta, se mencionarmos técnicos de teatros e shows que trabalham

⁵ Marcia Pessoa em entrevista a Taiane Cordeiro. Disponível em:

<<https://www.sescrio.org.br/noticias/arte-em-cena/arte-em-cena-como-nossas-atracoes-ganharam-as-telas-e-a-sala-d-a-sua-casa/>> Acesso em 1 de Fevereiro de 2021.

⁶ OLIVEIRA, Joana. Sob ataque de Bolsonaro, Cultura defende seu impacto na economia com receita de 170 bilhões de reais. El País. Disponível em:

<<https://brasil.elpais.com/cultura/2019-12-27/sob-ataque-de-bolsonaro-cultura-defende-seu-impacto-na-economia-com-receita-de-170-bilhoes-de-reais.html>> Acesso em 1 de Fevereiro de 2021.

informalmente, artistas independentes que sobrevivem de trabalhos eventuais, produtores autônomos, entre outros.

Portanto, voltemos então à matéria supracitada de Clara Balbi para o Jornal Folha de São Paulo. Ela fala sobre a criatividade de grupos e artistas de manterem seus trabalhos durante o período de pandemia e, por conseguinte, de isolamento social e pausa em muitos dos espaços destinados à produção cultural, mas fala também da dificuldade destes de se manterem financeiramente apenas com o trabalho produzido para a internet.

Em primeiro lugar, queremos abordar primeiramente as categorias que perderam seu espaço, sobretudo os técnicos e artistas da parte técnica, como iluminadores, visagistas, maquiadores, técnicos de som, técnicos de luz, eletricitas cênicos, assistentes de produção e muitos outros profissionais impactados.

Além disso, em relação aos artistas e produtores, podemos citar também a dificuldade de venda de ingressos. O grande público não está acostumado a pagar por entretenimento online. Quando muito, pagam assinaturas mensais de sites e aplicativos de *streaming* com muito conteúdo, inclusive, espetáculos teatrais gravados. Como podem as companhias e artistas brasileiros, cuja maioria começa a entender apenas em 2020 a linguagem da internet e das plataformas de *streaming*, competir com os gigantes sites e conglomerados que oferecem centenas de títulos diferentes para, praticamente, o mesmo fim de um espetáculo teatral?

Não convém criticar como as pessoas gastam seu dinheiro, ainda mais considerando que muitos sentiram financeiramente o impacto da crise sanitária que somada a crise econômica que já vinha se desenvolvendo e foi ainda mais agravada pela pandemia. Como podemos ver na matéria do Jornal Estadão⁷, segundo o IBGE, mais de 7 milhões de brasileiros perderam seus empregos em apenas um trimestre de 2020. Logo, em uma ordem de prioridades, o investimento em arte e cultura vem depois de despesas urgentes e necessárias para a sobrevivência. Por outro lado, trabalhadores da arte e da cultura também precisam garantir seu sustento. Nesse sentido de fomentar a arte e oferecer auxílio aos profissionais que trabalham com arte, a Lei Aldir Blanc chega como um possível alento.

⁷ AMORIM, Daniela. Taxa de desemprego chega a 13.8% no trimestre encerrado em Julho, a maior desde 2012. O Estado de São Paulo. 2020. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,taxa-de-desemprego-chega-a-13-8-no-trimestre-encerrado-em-julho-a-maior-desde-2012,70003457708>> Acesso em 1 de fevereiro de 2021.

LEI ALDIR BLANC

A Lei Nº 14.017/2020, proposta pela deputada federal Jandira Feghali (PC do B) e sancionada em 29 de Junho de 2020, destinou 3 bilhões de reais para trabalhadores, grupos e espaços culturais, dividindo a verba em 3 eixos principais:

- I - renda emergencial mensal aos trabalhadores e trabalhadoras da cultura;
- II - subsídio mensal para manutenção de espaços artísticos e culturais, microempresas e pequenas empresas culturais, cooperativas, instituições e organizações culturais comunitárias que tiveram as suas atividades interrompidas por força das medidas de isolamento social; e
- III - editais, chamadas públicas, prêmios, aquisição de bens e serviços vinculados ao setor cultural e outros instrumentos destinados à manutenção de agentes, de espaços, de iniciativas, de cursos, de produções, de desenvolvimento de atividades de economia criativa e de economia solidária, de produções audiovisuais, de manifestações culturais, bem como à realização de atividades artísticas e culturais que possam ser transmitidas pela internet ou disponibilizadas por meio de redes sociais e outras plataformas digitais. (BRASIL, 2020)

Na Nota Técnica “O setor cultural na pandemia: O teletrabalho e a Lei Aldir Blanc” do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), os autores ressaltam a importância do setor cultural no movimento na economia brasileira e apresentam que

As estimativas de participação do setor cultural na economia brasileira, antes da pandemia, variavam de 1,2% a 2,67% do PIB e o conjunto de ocupados no setor cultural representava, em 2019, 5,8% do total de ocupados, ou seja, em torno de 5,5 milhões de pessoas. (IPEA, 2020)

De uma maneira geral, o isolamento social impôs que os artistas se adaptassem ao “novo normal”, perdendo o contato com público presencial e ganhando uma nova aliada, a tecnologia. As *lives* de shows musicais foram, sem dúvida, grande sucesso durante a quarentena, mais de 50 *lives* semanais de grandes artistas, quase sempre patrocinadas. É possível destacar, por exemplo, o cantor Gustavo Lima, pioneiro em shows neste formato adaptado para as redes, sobretudo no momento do “boom” das *lives*, chegando a faturar 10 milhões de reais por mês, segundo levantamento do Jornal Extra⁸.

Por outro lado, é possível dizer que o teatro levou um tempo a mais para se movimentar nas redes. Como já supracitado, a matéria prima do teatro é a plateia, e foi necessário um tempo até entender o fazer teatral sem o seu principal elemento de corpo presente, pelo menos

⁸ GUSTTAVO Lima fatura cerca de R\$ 10 milhões com *lives* e é o sertanejo que mais lucra com mercado criado na pandemia. Extra. Disponível em: <https://extra.globo.com/famosos/gusttavo-lima-fatura-cerca-de-10-milhoes-com-lives-e-sertanejo-que-mais-lucra-com-mercado-criado-na-pandemia-24442160.html>> Acesso em 5 de Fevereiro de 2021.

presencialmente. Ressaltamos aqui que existiam pesquisas envolvendo as tecnologias mas ainda nada, de fato, consolidado.

Voltando ao artigo de Balbi (2020), a jornalista afirma que as primeiras peças online começaram quase um mês depois da pandemia e alguns artistas e/ou grupos disponibilizavam nas redes gravações de peças passadas e monólogos gravados em casa, quase sempre gratuitamente. Até que começaram as peças do Sesc São Paulo, com 3 vídeos por semana.

Mas as empresas privadas, as pouquíssimas, que incentivaram o teatro na pandemia, não conseguiriam absorver a grande quantidade de artistas com trabalhos em desenvolvimento. Nesse sentido, a lei Aldir Blanc é efetiva na distribuição de arte e produtos culturais para o público, mas também tem grande importância na geração de renda para os artistas.

É importante salientar que parte dos trabalhadores da cultura afetados com a pandemia e o isolamento social não são somente os artistas. Técnicos e prestadores de serviço também paralisaram suas atividades e perderam renda.. Visando atingir essa parcela específica do setor, a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro lançou um edital, por meio desta lei, de premiação a técnicos que contemplou 1.127 profissionais. Porém, no âmbito estadual, há casos de municípios que não destinaram recursos oriundos da Lei para esses trabalhadores.

Mesmo com fragilidades, é importante reconhecer a importância da Lei Aldir Blanc. Muitos dos artistas que foram contemplados, seja pelo auxílio ou pelos editais, provavelmente, não conseguiriam fazer seus trabalhos sem esta verba. Ela também permitiu que grupos e artistas disponibilizassem seus trabalhos a pessoas que antes talvez não pudessem acessar por questões financeiras e graças a Lei fizeram temporadas gratuitas e populares, como a Companhia de Teatro Armazém, que realizou o espetáculo “Parece loucura mas há método” com ingressos gratuitos patrocinados pela Aldir Blanc, mesmo depois de ter já feito uma temporada paga.

CONCLUSÃO

A pandemia do novo coronavírus, em 2020, impactou significativamente o setor cultural. Esse, por sua vez, precisou se reinventar para sobreviver aos novos tempos. Com os teatros e centros culturais fechados e a necessidade do isolamento social, gestores, produtores e artistas se depararam com a impossibilidade de trabalhar e com o desafio de encontrar novos formatos para continuar seus fazeres artísticos. O trabalho de gestores e produtores atuantes nas companhias de teatro e nas instituições culturais foi essencial para traçar os caminhos possíveis para o retorno

das atividades e assim o teatro no formato online surge como ferramenta artística no cenário de incertezas. Ao longo do ano de 2020, grupos teatrais, instituições públicas e privadas foram redescobrendo no novo formato maneiras de atuar e encontrar o público. No entanto, é possível concluir que as novas possibilidades apresentadas não foram suficientes para reparar a problemática causada pelo impacto econômico e desemprego que assolou todo o setor. Nesse sentido, a regulamentação da Lei Aldir Blanc, lei federal que destina renda emergencial para socorrer agentes, coletivos, espaços e instituições culturais, foi de grande importância por gerar renda e possibilitar o trabalho neste período tão complicado.

Por fim, é possível dizer que ainda não é possível medir as consequências da pandemia a longo prazo, porém é possível destacar como as alternativas encontradas pelos gestores e produtores culturais foram de grande importância para a sobrevivência do teatros novos formatos permitem uma aproximação e alcance com o público, além de descoberta de novas possibilidades dentro da linguagem teatral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Daniela. Taxa de desemprego chega a 13.8% no trimestre encerrado em Julho, a maior desde 2012. O Estado de São Paulo. 2020. Disponível em:

<<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,taxa-de-desemprego-chega-a-13-8-no-trimestre-encerrado-em-julho-a-maior-desde-2012,70003457708>> Acesso em 1 de fevereiro de 2021.

ARAÚJO, A. G. F. O produtor-criador na cena teatral contemporânea ludovicense. V. 19, N 1; 2018.

AVELAR, R. O Averso da Cena: Notas sobre Produção e Gestão Cultural. 2010.

BALBI, Clara. Teatro se reinventou em 2020, mas formato virtual ainda não paga as contas.

Folha de São Paulo. 2020.

Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/12/teatro-se-reinventou-em-2020-mas-formato-virtual-ainda-nao-paga-as-contas.shtml>> Acesso em 1 de fevereiro de 2021.

BRASIL. IPEA. Nota técnica Nº 6 de 16 de Outubro de 2020. O setor cultural na pandemia:

O teletrabalho e a Lei Aldir Blanc. Disponível em:

<https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/201015_cc49_cultura.pdf>

Acesso em 5 de fevereiro de 2021.

BRASIL. Atos do poder legislativo. Lei nº 14.017, de 29 de Junho de 2020. Disponível em:

<<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.017-de-29-de-junho-de-2020-264166628>> Acesso

em 5 de fevereiro de 2021.

CORDEIRO, Taiane. Arte em Cena: como nossas atrações ganharam as telas e a sala da sua casa. Sesc Rio. 2020. Disponível em:

<<https://www.sescrio.org.br/noticias/arte-em-cena/arte-em-cena-como-nossas-atracoes-ganharam-as-telas-e-a-sala-da-sua-casa/>> Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

CUNHA, M. H. Gestão Cultural: Construindo uma Identidade Profissional. III ENECULT. 2007.

FERREIRA, C. R. A gestão e o gestor cultural: uma análise de características. Centro de Pesquisa e Formação. Nº 1; 2015.

GUSTTAVO Lima fatura cerca de R\$ 10 milhões com lives e é o sertanejo que mais lucra com mercado criado na pandemia. Extra. Disponível em:

<<https://extra.globo.com/famosos/gusttavo-lima-fatura-cerca-de-10-milhoes-com-lives-e-sertanejo-o-que-mais-lucra-com-mercado-criado-na-pandemia-24442160.html>> Acesso em 5 de Fevereiro de 2021.

OLIVEIRA, Joana. Sob ataque de Bolsonaro, Cultura defende seu impacto na economia com receita de 170 bilhões de reais. El País. Disponível em:

<<https://brasil.elpais.com/cultura/2019-12-27/sob-ataque-de-bolsonaro-cultura-defende-seu-impacto-na-economia-com-receita-de-170-bilhoes-de-reais.html>> Acesso em 1 de Fevereiro de 2021.

PEIXOTO, Fernando. O que é Teatro? 1. Ed. São Paulo: Brasiliense. 1980 (Primeiros passos).

RETROSPECTIVA #EmCasaComSesc. Sesc SP. Disponível em:

<https://www.sescsp.org.br/online/artigo/15038_RETROSPECTIVA+EMCASACOMSESC>

Acesso em 02 de Fevereiro de 2021

RODRIGUES, A. C. Q. O perfil do produtor teatral em Maceió: características da profissão nos grupos de teatro atuantes em 2013. 2015.

SEPÚLVEDA, L. Sem apoio, teatro se afasta cada vez mais dos brasileiros. Brasil de Fato. 2018. Disponível em:

<<https://www.brasildefato.com.br/2018/06/15/sem-apoio-teatro-se-afasta-cada-vez-mais-dos-brasileiros>> Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

VILLAS BOAS, Rosa. Gestão Cultural. *In* RUBIM, Linda (org.). Organização e Produção da Cultura. Bahia: EDUFBA, 2005. p. 99- 116.